

Problemas econômicos, em foco na visita de Costa Gomes

FORTE A VISITA DE Costa Gomes ao país, iniciada...

A VISITA DO GOVERNADOR ETÍOPIA para os dias seguintes...

Relações, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

A televisão e os Congressos dos Partidos

A BARRAGEM de um sistema de televisão...

M. E. C. de zemente boatos

OS BOATOS (AM) de zemente boatos...

Michel Rocard: socialismo, única resposta à crise do capitalismo

“O SOCIALISMO é a única resposta...

uma economia, para se adaptar...

As características do P. F. D.

A constituição de Portugal...

Em seguida, após o período de transição...

Eritreia: o “Vietname do Mar Vermelho” não foi travado pelo M.F.A. etíope

ERITREIA: Segundo fontes...

PARA GOVERNO DE COSTA GOMES

Antes de partir para o país...

Em seguida, após o período de transição...

Portela ou Rio Frío?

O futuro do aeroporto de Lisboa decide-se até 13 de Novembro

As negociações de um contrato...

O P.P.D. candidato à Internacional Socialista

O PARTIDO Social Democrata...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Expresso

DIRETOR: FRANCISCO PINTO BALSARÃO

Tramita para já na ETÍOPIA a ala conservadora do M.F.A. local. Gen. Haig e Kissinger-Kissinger. Novo modelo para exames de engenharia. O Administrador da Caixa Geral de Depósitos afirma ao EXPRESSO. No registo centralizado a nível de politização em meios rurais anda próximo do zero. Cabo Verde: a descolonização em atraso.

Gelmar aguarda acordo de credores em estado de falência

OS CREDITORES de uma empresa...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

Em seguida, após o período de transição...

OMEGA COSMIC 2000. Um novo conceito em relógios impermutáveis. OMEGA tem a confiança do Mundo.

# 24 horas em notícia

## Problemas económicos em foco na visita de Costa Gomes

DIANTE A VISITA de Costa Gomes aos EUA, ocuparam lugar de preponderância os problemas económicos, não apenas em conversações directas a nível presidencial, mas também nas reuniões com outras entidades de relevo no mundo económico-financiero.

O ambiente anterior à visita não era dos mais propícios para a realização de contactos económicos fructuosos. Em consequência, por exemplo, do acontecimento de 25 de Setembro, foram adiadas todas as operações financeiras. Assim, a Dillon, Read, Owenas Corporation, adiou dois créditos substanciais ao Banco de Fomento e à CPE, em razão das mudanças operadas em Lisboa.

Entretanto, estão a caminho investimentos americanos em Cabo Verde, feitos por parte de emigrantes cabo-verdianos que vivem nos EUA. Com esta finalidade seguem para Cabo Verde Roy Teixeira e Albert Costa.

Além do que toca aos investimentos americanos em Portugal, as diligências feitas pelo Dr. Silva Lopes, há quinze dias, haviam sido suspensas pelos motivos já indicados. A visita de Costa Gomes e sobretudo o encontro com Ford criou um clima de maior confiança. Quanto, porém, ao Banco Mundial já se sabe que só fazem empréstimos depois das eleições. A ajuda económica dos institutos governamentais e para-governamentais está prevista para altura do acordo das Lajes, o que representa uma contrapartida mas não o pagamento pela base dos Açores. Acontece também que, da parte portuguesa, se têm registado sucessivos adiamentos na apresentação de planos concretos requeridos pelos investidores. A lei sobre abertura de escritórios de representação dos bancos americanos em Portugal foi feita no Banco de Portugal e aguarda no Ministério das Finanças que se já assinou. Julga-se que o First National City Bank e o Manufacturers, "esperam ser os primeiros a abrir as suas sucursais, vindo a si outros, por consequência. Houve entretanto dois ou três jornais que tentaram interessar os banqueiros americanos a tornarem o "sócio minoritário no seu capital tendo recebido como co-actante, que ficava para outra altura.

Acrescenta-se que Miguel Quins assistiu ao discurso de Costa Gomes na ONU.

## A televisão e os Congressos dos Partidos

A REALIZAÇÃO, no próximo domingo, do Congresso do Partido Comunista Português, proporcionalmente a deficiência de um regulamento para a cobertura televisiva dos congressos dos partidos representados na coligação governamental. Num despacho exarado ontem pelo ministro Vítor Alves, conde-se, nomeadamente, aos partidos organizadores dos congressos uma referência pelo locutor do telejornal do dia ou dia em que decorre o acontecimento e um total de trinta minutos distribuídos por dois dias, intervindo ainda cada partido na distribuição do tempo de emissão, na seleção dos momentos a filmar e na montagem final do programa a emitir.

## M. E. C. desmente boatos

EM COMUNICADO distribuído ontem, o Ministério da Educação e Cultura desmente boatos de que o Ensino Superior não funcionaria este ano. O M. E. C. salienta que apenas "as actividades escolares dos primeiros anos poderão ter que ser postergadas em virtude de ainda não terem terminado as provas do 7.º ano e de Apêndice e ainda de se tornar necessário adoptar as medidas exigidas pelo grande aumento do número de candidatos ao ingresso no Ensino Superior". Por outro lado, boatos da realização das provas de avaliação aprovadas pelos Conselhos de Gestão terá como consequência, não a "Paragem Administrativa", mas a perda do ano.

## Michel Rocard: socialismo, única resposta a crise do capitalismo

"O SOCIALISMO tornou-se uma necessidade para resolver os problemas que o capitalismo não é capaz de solucionar", disse ontem Michel Rocard no decurso de uma conversa havida nas instalações da RTP, tendo como únicos interlocutores um nosso camarada da T. V. e um jornalista do EXPRESSO. Depois de ter sublinhado que o socialismo "como sociedade acabada e para daqui a muito tempo", Rocard destruiu-se sobre os problemas colocados actualmente não só no domínio da teoria mas também no da prática (sobretudo a aliança com o PC). Assim, acrescentou que, desde 1969 mudou coisa muito: a crise do petróleo levou todos os países da Europa a alterar as perspectivas económicas, a planificar o desenvolvimento e, portanto, as sociedades capitalistas são obrigadas a caminhar para o socialismo. Tal caminho "não só é possível como necessário".

Quanto à tática, a aliança com o PC é aceitável porque, segundo Rocard, se "luta contra um inimigo comum, à direita" dado que socialistas e comunistas estão "do mesmo lado da barricada". Isto equivoque se luta pelo poder, depois se verá. A pergunta sobre qual seria o papel do Estrito — "a grande incógnita" — no caso de a esquerda chegar ao poder, afirmou Rocard que, embora constituindo uma força tradicional-

mente conservadora, seria de esperar uma certa adesão de sectores militares que teriam votado por Mitterand nas últimas eleições em França.

Se, em relação aos comunistas, o ponto de unidade se situa num objectivo comum de luta no caminho do poder, quanto aos militares será de acurrar a abnegação que se traduz na luta por uma causa desinteressada, traço que é característico aos militares socialistas.

"É certo que, a tomada do poder por via eleitoral num país capitalista deixa-nos a mesma a estrutura do poder económico e financeiro e as estruturas da imprensa, por exemplo..." reconheceu Rocard, respondendo a uma pergunta sobre a fragilidade de um governo socialista chegado ao poder por meios constitucionais. "Mas se a pressão popular for forte, a conquista do poder político, quer desde do executivo e a maioria parlamentar — porque não ambos necessários — conseguem mudar um certo número de coisas". Dando como exemplo desta sua afirmação o caso da imprensa, Michel Rocard salientou a necessidade da criação de uma "rede" que agilizasse a publicidade a fim de evitar pressões deste sector sobre jornais cuja orientação política não fosse do seu agrado. Tal como conceber a distribuição de forma a evitar o boicote de certos jornais de opinião ou, pelo menos, assegurar uma fiscalização deste sector, parecem a nossos meios necessários à promulgação da liberdade de expressão a qual, de modo nenhum, pretende atacar. "O que não significa aceitar as pressões sobre a imprensa", concluiu.

## Costa Gomes na ONU

NAO ERA POSSIVEL antes do 25 de Abril ouvir dizer nas Nações Unidas que "o povo português se considera irmão de todos os povos oprimidos", como não era possível, antes, ser ali recebido com respeito e entusiasmo o presidente da República de Portugal. Postas resolutamente de parte as veleidades e atrocidades imperialistas, enveredou Portugal pelo caminho da honra que, de facto, lhe dá jus a alinhar na longa fila dos países que se batem pela civilização. Costa Gomes sublinhou-o, em Nova Iorque, perante uma assistência selecta, credenciada e ávida, na sua expressão mundial, de ouvir algo daquilo que se está, actualmente, a viver entre nós, que mais não é que o desenvolvimento de um processo político com conotações de vincada originalidade na construção da democracia, que um determinado capitalismo de tipo terrorista pretende impedir. Costa Gomes foi embaixador da nova situação portuguesa num momento em que no estrangeiro há muita gente preocupada com o que se passa e, servindo interesses opressores, procura criar dificuldades ao desenvolvimento, no dia a dia dos princípios que inspiraram os homens do 25 de Abril. "Estamos perfeitamente determinados a salvaguardar a pureza dos principais objectivos revolucionários"; "sou o Chefe de Estado de um País que, depois de humilhado por meio século de ditadura, soube iniciar na longa noite de 25 de Abril uma revolução sem sangue, que outros classificaram da mais pura do século"; "manteremos um processo democrático onde, com o mínimo de sofrimento, vamos desintoxicar os espíritos de meio século de propaganda da extrema-direita; construiremos um ambiente de tolerância política multipartidária; iniciaremos a politização do nosso povo e dar-lhe-emos as condições para a livre escolha do regime pluralista em que deseje viver". Para aqueles que ultimamente têm escrito que Portugal está preso das garras de Moscovo de que já não consegue libertar-se, as palavras de Costa Gomes soam a alívio ou a desânimo conforme as intenções que os levaram a escrever dessa maneira. Para aqueles que, nacionais ou alienígenas, têm propalado que não haverá eleições em Portugal, pois que os militares se apoderaram de um poder que já de forma alguma abandonarão, nem partilharão com o povo, as palavras de Costa Gomes são um desmentido formal. Se, por outro lado, juntarmos às palavras de Costa Gomes expressões tiradas do preâmbulo do projecto de decreto-lei eleitoral que, no que se refere ao recenseamento, já é do domínio público, mais clarificas ficam ainda os propósitos dos homens que directamente fizeram o 25 de Abril. Lê-se, com efeito, no diploma que para a próxima semana vai ser sujeito ao Conselho de Estado: "Entre as medidas imediatas previstas no Programa do Movimento das Forças Armadas, tornado público em 26 de Abril, talvez a mais importante pelo seu significado político e pelas suas consequências quanto ao futuro do povo português seja a que determina a convocação de uma Assembleia Constituinte, eleita por sufrágio universal, directo e secreto, segundo lei a elaborar pelo Governo Provisório. Com tal medida, o Movimento das Forças Armadas marcou a sua determinação de instaurar um sistema democrático em Portugal.

Por isso, no art. 4.º da lei constitucional n.º 3/74 de 14 de Maio, estatuiu-se que a Assembleia Constituinte será eleita até 31 de Março de 1975"... "O prazo das eleições"... "mas se compadece com a complexidade das operações de recenseamento que, normalmente, exigiriam um período de tempo maior. Tal prazo, no entanto, acentua o documento, é imperativo constitucional e ponto essencial do Programa do Movimento das Forças Armadas que, como tal, não deve, nem pode ser alterado".

Não se pode ser mais claro, nem mais categórico. "As eleições em 31 de Março de 1975" "são um ponto de honra" para os homens do Movimento, como se expressou, há dias, em reunião com os jornalistas, o ministro sem pasta, major Victor Alves. Portanto, há mesmo eleições e em 31 de Março.

A alocação de Costa Gomes e os contactos inúmeros havidos por esta ocasião, dele fizeram o melhor embaixador dos propósitos do 25 de Abril, precisamente numa altura em que as embaixadas e os consulados portugueses continuam a sofrer de forte dose de anquilosamento e apego afectivo às taras do regime deposto. Temos, por enquanto, a nível de embaixadas e consulados (isto na generalidade) uma diplomacia de museu, incapaz de perceber, interpretar e se fazer arauta dos novos ventos que sopram em Portugal. Esta incapacidade resulta, fundamentalmente, da falta de sintonia, sintonia que recíclagens de conveniência e à pressa são incapazes de operar com a celeridade que os tempos exigem. Isto mesmo vai ter fortes reflexos em múltiplos e variados campos, sem esquecer, para já, aquele que se refere, imediatamente, ao voto dos emigrantes. A legislação a ser aprovada consagra-o com algumas restrições que, a nosso ver, deveriam desaparecer. Essas restrições, porém, resultam, em grande parte, segundo fomos informados pelo ministro Victor Alves, da falta de estruturas dos nossos consulados e embaixadas para recolherem o sufrágio e da possibilidade ainda real de ser falseada a expressão democrática dos "votos de chapelada".

Muito caminho resta percorrer no capítulo da diplomacia que mais não pode ser a de museu e apenas a das recepções, na ocasião das solenidades pátrias, mas tem de adquirir o seu quê de agressividade dinâmica.

Costa Gomes foi um embaixador de primeiro plano no momento que estamos a atravessar. Não só por aquilo que disse, mas também pelo lugar onde o disse.

Além da política interna ocupou-se, também, o presidente da República da descolonização e das relações internacionais. Quanto à descolonização afirmou que "seremos tão dinâmicos quanto o exige a impaciência de quem toma uma tarefa com muitos anos de atraso e tão impacientes quanto indispensável à felicidade dos povos que sofreram na carne as consequências da anterior situação política portuguesa". Estas palavras já não são um vazio sem conteúdo. Elas podem ser corroboradas pela prática, se atendermos aos casos de Moçambique e Guiné e aos restantes esforços e contactos em que se deve incluir a actual viagem do ministro da Coordenação Interterritorial. Quanto a Angola, porém, o processo em curso não deixa de suscitar perplexidades e apreensões na medida em que são muitos os interesses estrangeiros que procuram lançar todo o seu peso na balança. Especialmente o Congo-Zaire que, por intermédio de Mobutu, conseguiu impor a sua linha política cuja intencionalidade final pode reservar grossas surpresas. No todo foi o discurso de Costa Gomes uma voz progressiva e tanto mais progressiva quanto é certo que se ergueu em prol dos povos oprimidos, exaltando o papel desempenhado pelas Nações Unidas, no decurso da sua existência: "A voz dos mais fracos teve aqui uma tribuna quando a lei da força se sobrepôs à força da lei. A voz dos oprimidos aqui lamentou a ignomínia dos opressores. O clamor dos pobres aqui feriu a consciência dos que esbanjam em superfluo o excesso de recursos disponíveis. Quantas canseiras e esforços desta organização têm sido estereis quando os orgulhos egoístas calaram a voz da justiça e da razão.

Mas em larga contrapartida, quantos fracos sentiram apoio, quantos oprimidos foram libertos, quantos pobres foram amparados, quantos exaltados sentiram o ridículo das suas posições apaixonadas".

Esta foi uma voz portuguesa que, certamente, reconciliou Portugal com todos aqueles e eram tantos que nos viraram as costas, hostilizando-nos.